

35ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA RBA
13 a 17 de julho de 2026, Campus Samambaia, UFG, Goiânia
GT 048 - Contornos e desdobramentos da Governança Reprodutiva
contemporânea

ADOÇÃO INTER-RACIAL E RECONFIGURAÇÃO DE MORALIDADES NA
ÁFRICA DO SUL PÓS-APARTHEID: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO
DE CAMPO COM FAMÍLIAS MULTIRRACIAIS¹

Palavras chave: Adoção inter-racial; África do Sul; família.

Ana Luísa Della Coletta Depiné (FFLCH - USP)

Prof. Dr. Laura Moutinho (FFLCH -USP)

A presente comunicação irá explorar algumas reflexões do projeto “Reconfigured families: Inter-racial adoption in post-apartheid South Africa”, estágio de pesquisa no exterior (BEPE/IC/FAPESP 2025/18235-1)² desenvolvido no Anthropology Department da University of Cape Town (UCT), sob supervisão da Prof. Fiona Ross (UCT) e orientação da Prof. Laura Moutinho (FFLCH/USP). A pesquisa realizada busca perscrutar as dinâmicas das relações raciais e de gênero na África do Sul nas famílias multirraciais que se engajaram em processos de adoção inter-racial no pós-*apartheid*.

Através de etnografias e entrevistas no formato de histórias de vida (Bordieu, 2006) com membros adultos de algumas famílias, nos aproximamos de suas narrativas do cotidiano da adoção e da inter-racialidade em *Cape Town*. A escolha da Cidade como campo é de extrema relevância: durante o *apartheid* foi tida como a cidade mais democrática e no pós-*apartheid*, foi considerada pelos moradores e mídia como a cidade mais desigual da África do Sul (Moutinho; *et al*, 2010).

O regime de segregação, mobilizando o “medo da mistura racial”, buscou controlar as interações afetivo-sexuais através da criminalização do casamento e do sexo inter-racial, estabelecendo a raça e o racismo através da gestão do gênero e da sexualidade (Moutinho,

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Conectada ao processo IC/FAPESP (2024/22421-2) A pesquisa participa tanto do eixo histórico quanto etnográfico do projeto amplo "Condições (in)sustentáveis: imperativos burocráticos, espaços, sujeitos e relações no sul da África" (processo nº 2023/08413-4).

2023). Marco inicial desse processo, a Mixed Marriages Act (1949), que criminalizava casamentos inter-raciais, inaugura o regime e refunda o Estado. O desejo inter-racial, através de sua interdição legal, se apresenta, então, como constituidor da nação sul-africana (Moutinho, 2025).

A arquitetura legal que desenhou o regime definiu “formas de cidadania segundo critérios raciais” (Moutinho, 2015, p. 82), diferenciando e hierarquizando a humanidade na África do Sul. Em consonância com o historiador Saul Dubow, entendemos que a força ideológica do *apartheid* estava exatamente na sua capacidade de canalizar a consciência racial em uma filosofia da diferença que operava em diversos níveis, principalmente na dimensão cultural (Dubow, 2014).

Nesse cenário, o imperativo da endogamia racial também geria a esfera familiar e do cuidado através da proibição da adoção inter-racial. Conforme aponta Van der Walt (2014), a *Children's Act* nº 33 de 1960 instituiu que o *ethnological grouping* e o *cultural background* deveriam ser obrigatoriamente considerados na realocação familiar de menores. A lei, apesar de ambígua, orientou a prática *matching like to like*, que tratava diferenças raciais, rigidamente definida pelas classificações da *Population Registration Act* de 1950, como um impeditivo absoluto para a adoção. Esse controle foi explicitado na *Child Care Act* de 1983, cuja Seção 40(b) proibiu qualquer colocação legal inter-racial de crianças, sendo revogada apenas em 1991, três anos antes do fim do regime.

No período do pós-*apartheid*, em que se transicionava entre um regime autoritário e racial para uma democracia, foi realizado um esforço para reconstituir a nação sul-africana através de uma nova gramática humanista. No entanto, a permanência e atualização de antigas tensões morais, sexuais e raciais evidenciam uma não ausência do tempo do *apartheid* na África do Sul atual, mas sim, uma presença reconfigurada (Moutinho, 2012).

Dessa forma, a prática da adoção inter-racial, como argumentam Luyt e Swartz (2021), é profundamente impactada pela história segregacionista da África do Sul. Essa, representando apenas um quarto das adoções formais, consiste majoritariamente em pais *white* adotando crianças *black*. O legado do *apartheid*, que separou e fragmentou famílias, é responsável pela grande ocorrência de formas familiares vulneráveis entre as comunidades *black*. Junto a isso, a desigualdade e violência baseada no gênero torna mulheres e crianças um grupo particularmente vulnerável. Esses fatores influenciam a propensão de crianças *black* necessitarem de cuidados alternativos (Luyt, Swartz, 2021). Soma-se a isso um sistema de adoção nacional que favorece as crianças *white*, enquanto crianças *black*, *coloured* e *indian/asian* têm menos chances de serem adotadas (Luyt, Swartz, 2021).

Assim, muito mais complexa do que um símbolo de reconciliação e de uma *Rainbow Nation*, essa forma de adoção é cercada por discussões sobre o cuidado familiar alternativo e sobre a formação de identidade de crianças em um contexto no qual a segregação racial e o racismo ainda são parte da paisagem. Como aponta Dalmage (2018), o ato de viver entre fronteiras raciais desafia a estrutura social da raça e do racismo na África do Sul. Por essa razão, quando as pessoas escapam desses limites a dinâmica da formação racial é evidenciada e revista.

A partir disso, nos interessou compreender a vivência dessas configurações familiares, trabalhando com a hipótese de que as famílias que se engajam em adoções inter-raciais são atravessadas pela permanência reconfigurada de hierarquias e lógicas raciais de forma particular. Isso, porque sua existência confronta justamente o que durante o *apartheid* foi um imperativo legal: a proibição do contato inter-racial e a criminalização de relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais.

Durante a pesquisa na África do Sul, foram realizadas entrevistas com seis (06) mães e um pai adotivo *white* que haviam adotado crianças *black* ou *mixed-race*. A construção do grupo de participantes seguiu uma dinâmica de 'bola de neve', articulada a partir de diferentes frentes. Inicialmente, por meio de uma interlocutora da orientadora, Laura Moutinho, foram acessadas duas mães adotivas que indicaram outras pessoas dispostas a participar. Esse fluxo de indicações também se desdobrou a partir de um contato sugerido por Fiona Ross.

Além disso, a própria imersão no campo abriu novos caminhos. No primeiro local de estadia, a proprietária da residência sugeriu uma visita a sua igreja evangélica, descrita por ela como um espaço multirracial, frequentado por famílias e lideranças pastorais com histórico de adoção inter-racial. A imersão no ambiente propiciou a interlocução com John³, pastor evangélico *white*, pai de uma menina *black* por via da adoção e de duas meninas *white* por nascimento. A presença em um encontro do coletivo de mulheres *After 8 Sitahood* também possibilitou a entrevista com Rebecca, mulher *white* cujo história familiar e de adoção foi atravessada pela violência do *apartheid* e pela *Truth Reconciliation Commission* (TRC). Esses encontros, os “imponderáveis da vida real” de Malinowski (1976) ou os “acasos” invocados por Mariza Peirano (2018), foram possíveis através da observação participante e da inserção cotidiana em diferentes contextos e redes de relação em *Cape Town*.

As entrevistas não seguiram um questionário rígido e sim pontos norteadores limitados pelo problema de pesquisa. Assim, era solicitado que contessem um pouco sobre sua história e

³ Os nomes utilizados são fictícios para garantir a anonimização dos interlocutores.

como essa se conectava com a adoção, possibilitando que relatassem os aspectos que considerassem de maior significação. A menor diretividade, como comenta Poupart (2012), pode favorecer a emergência de novas dimensões das vivências e contextos dos interlocutores, que muitas vezes não estariam presentes nas perguntas pré-estruturadas. A flexibilidade também permitiria aos entrevistados traçar mais livremente as diversas conexões entre os elementos de sua vida. Esse trabalho irá apresentar as reflexões preliminares que emergiram a partir dessas narrativas de adoção.

Jean Luyt (2025) compreende as experiências das famílias adotivas inter-raciais através de um modelo de “ciclo de vida”, por se tratar de um processo que não termina no momento da adoção, mas que se estende por toda a vida unindo duas famílias através da criança adotada. O percurso envolve a avaliação e preparo dos pretendentes pais adotivos, a compatibilização para unir uma criança apta para adoção à uma família considerada adequada e a inserção da criança na configuração familiar. Os interlocutores relataram distintos caminhos e etapas que percorreram, variando entre agências estatais ou privadas, e como se relacionaram com essa burocracia.

Algo central em distintas narrativas foi a necessidade de preencher formulários indicando preferências de raça, idade, sexo, possibilidade de adotar crianças com deficiência ou não, entre outras. A existência desses formulários foi de extrema relevância para entender as decisões feitas pelos pais adotivos e os discursos mobilizados em torno delas. Sophia, mãe adotiva de uma menina *black*, falou sobre as escolhas com as quais se deparou e como ao fazê-las foi preciso abrir mão da ideia de salvadorismo:

You know, you have to decide what you will take, I mean not only like the racial aspects but gender. Will you accept a child that has, you know, been exposed to alcohol during pregnancy? Would you accept a child that's been exposed to HIV during pregnancy? Would you take a child that is potentially developmentally disabled? You know, so you have to like, you know, what do I want? What am I going to do here? And be really honest with yourself about it. I think coming into adoption scenario there's, it's very easy to fall into the narrative that you are a good person doing a good thing, and I think that it's really, like, you are not. You dissuade yourself of that, and especially when you fill out those forms, you realize what kind of person you are. And so we just decided, you know, with regards to race, we didn't care. Regards to gender, we didn't care. But we couldn't take on a child potentially health impaired or developmentally disabled. (Sophia, 2026, entrevista)

Após a formalização da adoção com uma nova certidão de nascimento, que inclui a frase simbólica “*As if born to them*”, a etapa burocrática se encerra, mas a adoção, enquanto processo relacional, perdura nas vidas dessas famílias. Essa continuidade esteve muito presente nos relatos dos interlocutores sobre as relações com as mães biológicas, principalmente nos casos de adoções semi-abertas, em que há contato através do assistente

social. Soma-se a isso as distintas formas de representar a história da adoção e da família de origem.

Um exemplo marcante foi de Karin, mulher *white* e mãe solo de Mia, menina *black* de 5 anos. Após o falecimento da *birth mother*, interrompendo o contato através da assistente social, Karin decidiu emoldurar junta a filha uma foto:

We've got a photo of her and Mia made a beautiful frame just as a cross project, but I put the biological mom's photo in that frame and put it on our table, and I said "We're going to light a candle now, and we're going to say a prayer." You know. And because even though she doesn't understand all, I think it will mean something to her later in her life. Because, there's something special, you know, when you become a teenager and you've got lots of questions. (Karin, 2026, entrevista).

As formas de compreender a adoção também podem assumir lentes e valores religiosos. Foi o caso de John que durante a entrevista, descreveu o ato de adotar com um espelhamento da vontade divina. Em suas palavras: “*We believe that God adopts children into his family. So, you know, scripture says that once you were a people, but now you are our people. It's this idea of God taking you here.*” (John, 2026, entrevista)

A dimensão racial representa outro eixo central “desse ciclo de vida”. Pais *white*, através da criança *black* adotada, têm sua família reconfigurada, passando lidar com questões ligadas a inter-racialidade, identidade racial e racismo em suas vidas ordinárias. Isso foi também apontado por John: “*We have changed our family, not just our family, like not just us. We've changed the extended family because we are now in interracial family. We weren't before, now we are. So that's also part of it, that is a big deal.*” (John, 2026, entrevista).

Associado a isso, estão as diferentes posturas em relação à *birth-culture* dos filhos adotivos. Enquanto alguns pais compreendem que a cultura familiar adotiva é a mesma de seus filhos, mantendo-se abertos caso eles manifestem interesse futuro pelo aprendizado da língua de origem, outros demonstram um engajamento mais ativo. Isso se materializa, por exemplo, na inclusão do nome atribuído pela família de origem ao registro da criança ou mesmo em cerimônias para simbolizar a ancestralidade.

A preocupação com a inserção em ambientes multirraciais também esteve presente nos relatos sobre as dinâmicas raciais na família, como comentou Karin sobre sua filha: “*I wouldn't just send her to a place where there are only white children. Well first of all it's not representative of our country. That's not what our country looks like. And secondly, I don't want her to be the odd one out.*” (Karin, 2026, entrevista). A necessidade de tratar sobre

racismo e hierarquias raciais que perduram no contexto sul-africano foi descrita por alguns dos interlocutores.

As narrativas também revelaram que a adoção inter-racial pode reconfigurar as relações com pessoas *black*. Um elo frequente para essas mães *white* se dá através do aprendizado sobre o cuidado do cabelo e pele de seus filhos, algo importante no cotidiano familiar. Segundo algumas mães, mulheres *black*, especialmente mais velhas, notam se estão realizando o cuidado da forma correta dando sugestões.

Essa pesquisa, ainda em desenvolvimento, busca contribuir para a discussão sobre como diferentes moralidades são operadas nas vivências da inter-racialidade na democracia sul-africana, sob a ótica da adoção. A realização do campo em Cape Town permitiu uma maior aproximação ao contexto local pós-*apartheid* e à investigação sobre a estrutura e história desses processos articuladas às narrativas e histórias de vida de pessoas que adotaram inter-racialmente. Consideramos essa temática uma chave analítica potente para pensar como as desigualdades constituidoras do regime de segregação são reconfiguradas no cotidiano familiar.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.

DALMAGE, Heather M. Mixed Race Families in South Africa: Naming and Claiming a Location. **Journal of Intercultural Studies**, v. 39, n. 4, p. 399-413, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/07256868.2018.1484348>.

LUYT, Jean; SWARTZ, Leslie. Adoption Process in South Africa: Experiences of Transracial Adoptive Families. **Children and Youth Services Review**, v. 172, elocation 108255, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2025.108255>.

LUYT, Jean; SWARTZ, Leslie. Transracial Adoption: South Africa as a Special Case. **Adoption Quarterly**, v. 25, n. 1, p. 1-26, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/10926755.2021.1884153>.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa. In: _____. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. p. 17-34.

MOUTINHO, Laura. Condemned by desire: miscegenation, gender, and eroticism in South Africa's Immorality Act. **Social Dynamics: A Journal of African Studies**, v. 49, p. 130-149, 2023.

MOUTINHO, Laura. On The other side? Das implicações morais de certos horizontes imaginativos na África do Sul. **Anuário Antropológico**, v. 40, p. 77-97, 2015.

MOUTINHO, Laura. **Razão, Cor e Desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2025.

MOUTINHO, Laura. Sobre danos, dores e reparações: The Moral Regeneration Movement: controvérsias morais e tensões religiosas na ordem democrática sul-africana. In: TRAJANO FILHO, Wilson (org.). **Travessias antropológicas**: estudos em contextos africanos. 1. ed. Brasília: ABA, 2012. v. 1, p. 10-36.

PEIRANO, M. G. S. Artimanhas do acaso. **Anuário Antropológico**, v. 14, n. 1, p. 9-21, 2018.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. cap. 8, p. 215-241.

VAN DER WALT, G. The history of the law of adoption in South Africa. **Obiter**, v. 35, n. 3, p. 421-452, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10520/EJC166597>.